

O CÍRCULO HERMENÊUTICO NA TEOLOGIA DA MISSÃO
INTEGRAL

O CASO DA HERMENÊUTICA EVANGÉLICA CONTEXTUAL

CVTM

SIDNEY DE MORAES SANCHES

O CÍRCULO HERMENÊUTICO NA TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL: O CASO DA HERMENÊUTICA EVANGÉLICA CONTEXTUAL

Sidney de Moraes Sanches¹

I. Antecedentes modernos do círculo hermenêutico

A Hermenêutica é uma ciência nova que nasce da necessidade de superar a distância cultural e/ou cronológica que prejudica a compreensão de textos antigos, pretendendo determinar o seu significado e demonstrar sua pertinência atual.² Como disciplina completa nasce no séc. XVII, designada *ars interpretandi*, dividida em: *hermenêutica sacra* (teologia), *hermeneutica profana* (filosofia e filologia) e *hermeneutica juris* (direito).

A pré-história da Hermenêutica passa pela interpretação dos textos de Platão por meio da alegorese, prossegue com a necessidade de interpretar as Escrituras judaico-cristãs, cujo clímax se dá na formulação medieval dos quatro sentidos e finaliza com o advento da Reforma, na qual os quatro sentidos são recusados pelos reformadores em favor de apenas um único sentido, histórico e literal.

A história moderna da Hermenêutica começa com a consciência histórica que re-posiciona toda a questão hermenêutica. Não mais se trata da simples leitura dos textos, mas da sua significação em um mundo que lhe é totalmente estranho. Esta história moderna envolve seis personagens.

II. O Círculo Hermenêutico

1. Schleiermacher

A origem da Hermenêutica moderna nos remete aos inícios do século 19 e às investigações hermenêuticas de Friedrich D. E. Schleiermacher. Estas foram reunidas na obra traduzida para o Português sob o título: *Hermenêutica. Arte e técnica da interpretação*.³ A obra apresenta três textos de Schleiermacher coletados entre 1809 e 1829. Sendo que o último: *Discursos acadêmicos: sobre o conceito de Hermenêutica*, é o mais completo.

¹ Doutor em Teologia. Professor do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Dirige as Pesquisas: *Contribuições da Teologia Narrativa para a Teologia da Missão Integral*, juntamente com a Profa. Regina de Cássia Fernandes Sanches, e *Contribuições da História Cultural para a Hermenêutica Contextual Latino-americana*, com o Prof. Ms. Ebenézer da Silva Melo Júnior. Esta Comunicação foi apresentada no III Simpósio Filosófico-Teológico da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em 2008.

² Os comentários que seguem partem da leitura das seguintes obras: HERMENÊUTICA. In: LACOSTE Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 816-822; HERMENEÛTICA. In: FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo II, 1327,1328.

³ SCHLEIERMACHER Friedrich D.E. *Hermenêutica. Arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

A novidade de Schleiermacher será fundamentar o processo de interpretação em um conceito geral de compreensão.⁴ Esse processo fundamentará epistemologicamente as Ciências humanas como:

1. inseparabilidade entre sujeito e objeto;
2. condicionamento de todo discurso humano a um horizonte lingüístico específico que determina o resultado da compreensão;
3. a circularidade entre o todo e o particular que gera a dedução como método científico;
4. a referência a um ponto de vista, ou pré-compreensão que prioriza a pergunta sobre a resposta.

Para Schleiermacher, Hermenêutica é “a arte da compreensão correta do discurso de um outro”.⁵ Metodologicamente, a compreensão é “uma reconstrução histórica e divinatória dos fatores objetivos e subjetivos de um discurso falado ou escrito”.⁶ Trata-se de um esforço consciente e metódico de justificar racionalmente o processo de interpretação. Implícito ao método há a noção de distanciamento do intérprete em relação ao autor, desde a qual duas operações acontecem: a pré-compreensão do intérprete e a diferença entre intérprete e autor.

A compreensão implica dominar a pré-compreensão e superar a diferença. Esta superação é feita por meio da recuperação objetiva (sintático-semântica) da linguagem empregada por uma comunidade falante da qual o autor faz parte e, especificamente, como o autor usa essa linguagem - recuperação subjetiva ou psicológica.

Contudo, toda compreensão é provisória e o distanciamento/estranhamento nunca se esgota, pois envolve circularidades que se sobrepõe infinitamente. Há duas maneiras de eliminar, gradativamente, a distância: o método divinatório/adivinhatório (o que o intérprete entende que o autor quis dizer ou pensou em uma passagem) e o comparativo (a pré-compreensão do intérprete).

2. Dilthey

⁴ A partir de Schleiermacher, *compreender* passa a ser o ajuste entre um conceito e o conteúdo de um determinado objeto. Para Dilthey, é o ato e método que o espírito humano realiza de dar significado à realidade externa, relacionando gestos, linguagem, objetos da cultura, etc Conforme Heidegger, compreender é dar sentido à própria existência enquanto o ser (*Dasein*) se projeta nas relações que estabelece com a realidade exterior objetiva. De acordo com Gadamer, compreender é o ato do ser humano de se localizar historicamente, ao mesmo tempo em que apreende a realidade histórica na qual se localiza. COMPREENSÃO. In: FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo I, p. 507-510.

⁵ SCHLEIERMACHER, *Idem*, p. 15.

⁶ *Ibidem*, p. 16.

Dilthey preocupou-se em distinguir o que chamava Ciências do espírito das Ciências da natureza.⁷ Estas lidavam diretamente com um objeto invariável, sempre presente e dado à investigação humana, a qual pretendia explicar. Aquelas lidavam com a própria ação humana na medida em que o ser humano *toca* a realidade natural e a transporta para dentro de si mesmo. Ao fazê-lo, não é a realidade natural que ele traz consigo, mas sua compreensão/interpretação desta. Esta compreensão/interpretação, por sua vez, carrega consigo não somente a realidade natural *tocada*, mas todo o conjunto de ocupações históricas que se apresentam à consciência deste ser humano, sua trajetória de vida, na medida em que ele se preocupa com a compreensão.

A tarefa que a Hermenêutica se impõe é entender por qual processo o ser humano histórica e culturalmente situado apreende a realidade natural, e a transforma em um conhecimento de si mesmo, compartilhado com os demais seres humanos. Portanto, à estrutura da compreensão deve corresponder uma estrutura da realidade, o que permite àquele que reflete ir para a realidade e retornar para sua interioridade e vice-versa, efetivando-se assim a circularidade.

3. Heidegger

Para Heidegger é a própria existência humana enquanto dada ao ser humano que se torna a tarefa da Hermenêutica.⁸ Em busca de sua própria autenticidade, o ser humano age em todo tempo interpretando tudo que o cerca. Nesse esforço, ele deve se desfazer de poeiras de tradição e de imagens recebidas ao longo da vida em um processo hermenêutico de autoconhecimento ou autocompreensão.

Este apenas é possível desde que o ser humano entenda a situação hermenêutica na qual se encontra, isto é, o seu entendimento, visão e conceito prévio, desde o qual ele se aproxima de si mesmo. Ele deve olhar ao redor de si e observar como sua realidade se constitui, pois ele é também constituído por ela. De igual modo acontece a qualquer objeto, documento ou outra pessoa. É preciso se familiarizar com a sua situação, o que significa pressupor uma série de coisas que permitam a interpretação, o que inclui a própria autocompreensão. Desse modo, introduz a estrutura circular, a qual denomina: círculo hermenêutico.

4. Bultmann

Devido à importância do trabalho hermenêutico de Rudolf Bultmann em diálogo contínuo com os predecessores modernos da ciência da Hermenêutica, trataremos mais extensivamente o seu

⁷ HAMLIN Cynthia Lins. A Hermenêutica Romântica de Wilhelm Dilthey. In: *Estudos de Sociologia*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 4, n. 2, 1998, *publicação on line*. DILTHEY Wilhelm. In: FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo I, 739-742.

⁸ LACOSTE, *Idem*, p. 816-822.

entendimento desde dois textos próprios. O primeiro, denominado: “A interpretação Bíblica Moderna e a Filosofia Existencialista”.⁹ Nele, Bultmann explicita passo a passo a estrutura hermenêutica da desmitologização que, como ele mesmo afirma, é um método hermenêutico: “*a desmitologização é um método hermenêutico*, isto é, um método de interpretação, de exegese, posto que a ‘hermenêutica’ é a arte da exegese”.¹⁰ O segundo, chamado: “O problema da Hermenêutica”,¹¹ onde Bultmann estabelece as grandes linhas do seu entendimento da hermenêutica, em diálogo com Schleiermacher e Dilthey, e termina por estabelecer as bases de sua hermenêutica existencialista do Novo Testamento.

No primeiro texto, é possível conhecer a compreensão bultmanniana para o *círculo hermenêutico* na noção de *pré-compreensão*. O termo alemão *vorverständnis* (pré-compreensão), indica que ela é: “o conjunto dos elementos subjetivos prévios que tornam possível o processo da compreensão”.¹² O círculo hermenêutico estabelece-se desde o fato de que a compreensão (*verständnis*) deve ser condicionada pela pré-compreensão.¹³

Para Bultmann, não existe compreensão de um determinado assunto sem que se esteja de antemão inteirado acerca desse mesmo assunto que se deseja compreender. Dessa forma, segundo ele

a reflexão sobre hermenêutica (sobre o método da interpretação) mostra claramente que a interpretação, isto é, a exegese descansa sempre em alguns princípios e concepções que atuam como pressuposições do trabalho exegético, ainda que amiúde os intérpretes não estejam conscientes disso.¹⁴

Para Bultmann, “esta é, pois, a pressuposição básica de qualquer forma de exegese: que nossa própria relação com a matéria provoca a pergunta que formulamos ao texto e suscita a resposta que dele obtemos”.¹⁵ Especialmente em Bultmann, estabeleceu-se a idéia de que: “a interpretação do livro e a interpretação da vida correspondem-se e são mutuamente adaptadas”.¹⁶

No segundo artigo, Bultmann entende que o círculo hermenêutico se faz presente no momento em que o intérprete se dedica a compreender a composição de uma obra, seja partindo da parte para o todo, ou do todo para a parte. Também existe quando o intérprete procura compreender

⁹ BULTMANN Rudolf. “A Interpretação bíblica moderna e a filosofia existencialista”. In: _____ Rudolf. *Jesus Cristo e Mitologia*. São Paulo: Novo Século, 2005, p. 37 a 47. Também ver: RICOEUR Paul. *Ensaio Sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 45 a 67; GIBELLINI Rosino. *Teologia Hermenêutica*. In: *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

¹⁰ BULTMANN, *Idem*, p. 37

¹¹ BULTMANN Rudolf. “O Problema da Hermenêutica”. In: _____ Rudolf. *Crer e Compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

¹² SCHÜLER Arnaldo. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. São Leopoldo: ULBRA, 2002, p. 482.

¹³ *Idem*, p. 482.

¹⁴ BULTMANN, *Ibidem*, p. 37.

¹⁵ *Ibidem*, p. 41

¹⁶ RICOEUR, *Idem*, p. 48.

a obra em seus condicionamentos históricos e filológicos, na medida em que ambos se influenciam mutuamente.

No entanto, o esforço de compreensão do intérprete é orientado por um *enfoque*, um rumo, uma compreensão prévia da obra e do autor, que dirigirá o tipo de interpretação que ele fará, e, conseqüentemente, se manifestará na sua compreensão. Esta compreensão prévia ou enfoque depende e tem sua origem no tipo de *interesse* que o intérprete manifeste na obra e seu autor. Este se trata de algo comum a ambos, um mesmo contexto vital, e este abarca toda e qualquer situação da vida que motive o intérprete à compreensão da obra e seu autor. Assim

a condição para a interpretação é o fato de intérprete e autor viverem como pessoas num mesmo mundo histórico, no qual se desenrola a existência humana como existência num meio ambiente, no relacionamento intelectual com objetos e com outras pessoas.¹⁷

O conhecimento objetivo resultante da interpretação é sempre conhecimento adequado ao objeto estudado, isto é, o objeto investigado sob determinado enfoque. Isto requer o emprego de algum *método* de investigação adequado à realização do enfoque ambicionado. Não se pode requerer do método, portanto, uma objetividade que não esteja circunscrita na subjetividade do intérprete, desde o seu interesse e enfoque iniciais.

Neste caso, a interpretação mais “subjetiva” é a mais “objetiva”, ou seja, somente aquele que está movido da pergunta pela própria existência é que consegue ouvir o que o texto está pretendendo.¹⁸

5. Gadamer

Gadamer diverge de Heidegger ao procurar pela autocompreensão na exploração hermenêutica do ser histórico manifesto na linguagem de uma tradição.¹⁹ Portanto, a autocompreensão é um acontecimento hermenêutico que acontece na história de uma tradição. Esta opera desde o preconceito, e ambos, tradição e preconceito, são possibilidades para novos caminhos dentro do acontecimento hermenêutico.

Limitado a um horizonte histórico, o ser humano opera a sua interpretação desde lugares como: apropriação e rejeição, confiança e estranheza, pergunta e resposta. É assim que o ser humano é. Ao utilizar a linguagem, entendida como diálogo sobre e desde uma tradição, ele realiza a

¹⁷ BULTMANN, *Ibidem*, p. 295.

¹⁸ BULTMANN, *Ibidem*, p. 308.

¹⁹ A noção de *tradição*, em Gadamer, trata da necessidade de afirmar a historicidade do ser que leva à afirmação da autoridade e do preconceito em uma tradição histórica. Todo pensamento histórico se dá dentro de uma tradição, que é um ato livre e racional do ser, que constitui o fundamento categorial último das ciências do espírito. TRADIÇÃO. In: FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo IV, 2903-2905. Também: DE BRITO Evandro Oliveira. Consciência Histórica e Hermenêutica: Considerações de Gadamer acerca da Teoria da História de Dilthey. In: *Trans/form/Ação* 28/2 (2005) 149-160; GADAMER Hans-Georg. In: FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo II, 1166-1168; HERMENEÛTICA. In: _____, *Idem*, Tomo II, 1327,1328.

interpretação. A tarefa da Hermenêutica, então, é lidar com a Linguagem, isto é o conteúdo transmitido por meio da consciência histórica, que é a sua trama, composta de textos, obras, signos, tudo o que lhe diz respeito. A Linguagem como estrutura antecipadora do compreender é marca da finitude humana.

O ser humano é conhecedor de algo apenas no interior de tradições herdadas, um tipo de pré-interpretações; o objeto a ser interpretado, também, possui uma pré-interpretação existente na história dos seus efeitos que se impõe a cada esforço de interpretá-la; à Hermenêutica cabe colocar em relação de pertença o sujeito e objeto, não de separação, na qual os horizontes próprios à obra se fundirão com os horizontes próprios do leitor.

A relação entre leitor e obra consiste num diálogo, do qual nasce, não a única, última ou melhor interpretação, mas outra interpretação, na qual o texto falará na intenção do leitor e do mundo que ele habita. Isto implica o conhecimento de várias tradições e a tarefa de colocar umas em contato com as outras. A possibilidade de que elas venham a convergir e produzir um conhecimento cada vez mais unificado é tratado, por Gadamer, como a *fusão de horizontes*.

6. Ricoeur

Paul Ricoeur se aproveita da hermenêutica gadameriana para propor o discurso presente no texto escrito, a obra, como o condutor privilegiado da compreensão do leitor.²⁰ Esta se dá por um processo de apropriação ou aplicação. Primeiro, a apropriação significa o deslocamento ou distanciamento do leitor da intenção do autor para fixá-lo na própria obra que ele examina. Segundo, a obra constitui um mundo, isto é, um conjunto de significações ao qual o leitor tem acesso, que se oferecem a ele e do qual ele se utiliza para conhecer-se a si mesmo no mundo. Terceiro, o leitor, por sua vez, é uma subjetividade rica em significações, as quais, em interação com a obra, distanciam-se de si mesmo e efetua a própria crítica de sua subjetividade. Por fim, e conclusivamente, é fundamental ao leitor a tarefa da distanciação em relação a si mesmo, entendida pela crítica ideológica que ele efetua de sua própria subjetividade, de modo que o mundo da obra que tem diante de si seja realmente apropriado pelo leitor.

III - Apropriação do Círculo Hermenêutico na Teologia da Missão Integral

A reflexão bíblico-teológica na Teologia da Missão Integral requer a discussão prévia de uma hermenêutica ao texto bíblico que funcione como articuladora entre o texto e a cultura dos povos latino-americanos. A necessidade desta hermenêutica foi claramente colocada por teólogos evangélicos latino-americanos, como Juan Stam, nos anos 70, e Carlos René Padilla, nos anos 80.

²⁰ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 57-59.

Nos anos 90, a Hermenêutica contextual é destacada no documento final do Terceiro Congresso Latino-americano de Evangelização (CLADE III), promovido pela Fraternidade Teológica Evangélica Latino-americana (FTLa). No tópico B: O evangelho e a cultura, do capítulo 2: A partir da América Latina, se lê: “A fidelidade da igreja aos propósitos de Deus demanda uma hermenêutica contextual que permita comunicar fielmente o evangelho em diálogo aberto com a cultura”.²¹

1. Juan Stam

Conforme Stam,²² a Hermenêutica contextual é uma necessidade para as igrejas evangélicas na América Latina, por duas razões: a falta de uma orientação clara para a igreja acerca de sua participação nos movimentos sociais e políticos, e a necessidade de des-contextualizar o evangelho recebido da atividade missionária anglo-européia, e contextualizá-lo no contexto latino-americano. Esta segunda tarefa específica seria feita por “isolar os fatores teológica, cultural e socialmente alienantes do movimento missionário anglo-europeu, alheios tanto ao pensamento bíblico quanto à realidade latino-americana”.²³

Esta tarefa requer a dedicação a outra tarefa: a dupla contextualização. De um lado, trata-se de entender a mensagem bíblica em seu contexto original e, de outro lado, obedecer e proclamar o evangelho aqui e agora. Para a primeira tarefa, está implícito o método histórico-gramatical. Para a segunda tarefa, está implícito captar a relação dinâmica entre a mensagem bíblica e a palavra de Deus para os dias de hoje.

Para a realização desta segunda tarefa, porém, o pregador e teólogo se defronta com a existência de uma hermenêutica des-historizante entre os evangélicos latino-americanos, a qual tende à alegorização da história bíblica e à fuga da própria história individual e coletiva. Como solução para ambas, Stam propõe uma hermenêutica da história e uma hermenêutica das Escrituras, por ele descritas como: ler a palavra de Deus à luz da própria realidade histórica (imersão profunda) com o fim de interpretar a realidade atual à luz da palavra de Deus para ser fiel a ela aqui e agora.²⁴

Para a realização desta última, ele propõe uma hermenêutica da práxis do discipulado, que consiste em: a partir de uma comunidade de discípulos, executar a vontade de Deus na história. Este cumprimento da vontade de Deus na história introduz uma outra hermenêutica: aquela da missão. Para realizá-la, trata-se de ler a palavra de Deus para o contexto de missão = a realidade latino-

²¹ DECLARAÇÃO DE QUITO: Todo o Evangelho a partir da América Latina para todos os povos. In: LONGUINI NETO Luiz. *O Novo Rosto da Missão*. Viçosa: Ultimato, 2002, p. 205.

²² STAM Juan. A Bíblia, o Leitor e o seu Contexto Histórico. Pautas para uma Hermenêutica Evangélica Contextual. In: *Boletim Teológico* 1/3 (1984) 92-136.

²³ STAM, *Idem*, p. 94

²⁴ *Ibidem*, p. 104.

americana, de modo a executar a práxis do discipulado dentro da história. A hermenêutica passa a ser o diálogo entre o contexto bíblico e o contexto missio-histórico.

Como auxílio para a construção de uma hermenêutica evangélica latino-americana, histórica, missionária e comprometida, Stam propõe o círculo hermenêutico. Stam descreve a circularidade hermenêutica tradicional como um círculo da inteligência, onde operam: a pré-compreensão, a interpretação, a correção da pré-compreensão operando uma nova auto-compreensão. Da forma como esta circularidade opera não há muito que ela possa contribuir para a hermenêutica latino-americana com sua demanda pelo comprometimento histórico. Neste momento, se dá a contribuição do pensamento latino-americano: a irrupção da história no círculo hermenêutico. Este evento é explicado como a “...circulação dinâmica entre a leitura do texto bíblico e a leitura constante da realidade contemporânea,... no qual o problema teórico da objetividade dá lugar ao problema prático da obediência”.²⁵

Stam cita Juan Luís Segundo como o precursor da proposição do círculo hermenêutico para a reflexão bíblica desde a realidade latino-americana, pois, segundo ele, “...cada nova realidade obriga a interpretar de novo a revelação de Deus, a mudar com ela a realidade e deste modo voltar a interpretar... e assim sucessivamente”.²⁶ Pensando em sua contribuição para a hermenêutica evangélica contextual, Stam entende que

este círculo hermenêutico [o de Segundo] não se choca em nada com a fidelidade às Escrituras, sendo, pelo contrário a melhor maneira de ser fiel a elas, vivendo plena e responsabilmente nossa própria realidade histórica (como nos exige a fidelidade bíblica), questionando biblicamente todas as tradições e interpretações humanas, sociologicamente condicionadas, à luz de novas vivências históricas e novas releituras da Palavra.²⁷

Stam conclui que o círculo hermenêutico “é uma contribuição muito valiosa para uma hermenêutica evangélica contextualizante”,²⁸ pois “...é a metodologia que melhor se acomoda à estrutura dinâmica do mesmo pensamento bíblico, como também à realidade complexa e convulsionada do nosso contexto. É um instrumento indispensável para nossa fidelidade bíblica e evangélica atual”.²⁹

Porém, ele deve ir além do viés histórico de perfil sócio-ideológico para abranger toda a cultura, assumindo a tarefa de conhecer, de compreender e de interpretar a realidade conforme

²⁵ *Ibidem*, p. 110.

²⁶ *Ibidem*, p. 110.

²⁷ *Ibidem*, p. 112,113.

²⁸ *Ibidem*, p. 113.

²⁹ *Ibidem*, p. 113.

manifesta em determinada cultura, o que impõe à Hermenêutica uma “tarefa de radical contextualização”. Assim

uma hermenêutica evangélica latino-americana terá que derivar de seu próprio contexto [a cultura] (e não de um outro contexto estrangeiro, nem de alguma suposta esfera supra-contextual) as perguntas, a linguagem, os critérios e a metodologia para seu trabalho exegético e teológico.³⁰

O círculo hermenêutico, portanto, é colocado a serviço de um projeto teológico maior para a igreja evangélica latino-americana: a contextualização da sua própria teologia, a qual escutaria atentamente e em todo o tempo a palavra de Deus de modo a se dirigir a cada nova situação que surgisse no contexto latino-americano. Nesse ponto, Stam entende que todo o processo de teologizar, desde o reconhecido nas Escrituras até os nossos dias, é resultado de um fluxo-refluxo contínuo de contextualização que se desenvolve indefinida e infinitamente.

2. C. René Padilla

O problema básico da hermenêutica bíblica, para Padilla, é

transponer la mensaje bíblica de su contexto original al contexto del locutor u oyente moderno, la fin de producir en él el mismo tipo de impacto que dicho mensaje quiso producir em los lectores y oyentes originales.³¹

Para realizar esta tarefa hermenêutica, Padilla entende que tanto a leitura ingênua do texto bíblico, de caráter intuitivo, quanto a leitura científica, de caráter histórico, são insuficientes para extrair a mensagem bíblica do contexto histórico original e trazê-lo para o contexto histórico dos dias de hoje.

Segundo Padilla, somente a leitura contextual do texto bíblico pode considerar ambos os contextos, do texto e do leitor intérprete, de modo que a meta a alcançar seja a fusão do horizonte deste ao horizonte daquele, a fim de que o leitor contemporâneo compreenda a mensagem do texto bíblico na mesma medida de compreensão do ouvinte antigo. Trata-se uma maneira de valorar a história de ambos os ouvintes.

A fusão de horizontes é possível desde que se estabeleça uma circularidade hermenêutica entre o contexto do leitor contemporâneo e o contexto do texto bíblico. Esta circularidade envolve quatro elementos, sendo o primeiro deles: a situação histórica do intérprete ou a sua situação contemporânea. Uma forma mais simples é referir à situação humana concreta. Para identificá-la, o

³⁰ *Ibidem*, p. 113,114.

³¹ PADILLA C. René. Hacia una Hermeneutica Contextual. In: *Encuentro y Dialogo* (1984) 1-23. É possível acompanhar o mesmo conteúdo, com ênfases diferentes, em: La Contextualización del Evangelio. In: _____ *El Evangelio Hoy*. Buenos Aires: Certeza, 1975. A tradução portuguesa foi publicada como: A Contextualização do Evangelho. In: _____. *Missão Integral*. São Paulo: FTLA-Brasil, 1992, p. 93-119. Alguns outros textos de Padilla que se referem ao assunto são: Uma aplicação deste pensamento de Padilla está em: Cristologia Evangélica Contextual. In: *Boletim Teológico* 6 (1986) 5-20.

intérprete lança mão de qualquer conhecimento da sociedade ao seu alcance (economia, sociologia, psicologia social, etc), bem como qualquer conhecimento do texto (linguística, literatura e história).

O segundo elemento é: considerar o ponto de vista do intérprete sobre o mundo e a vida. Mais além da própria situação humana concreta, todo ser humano elabora uma determinada visão desta, desde certa significação a partir de um conjunto de informações que formam parte da própria situação concreta na qual vive. Se ele vive em uma situação moderna, enquanto o texto bíblico vive em uma situação pré-moderna ou antiga, o reconhecimento de ambas as perspectivas é fundamental para a leitura do texto bíblico na situação humana concreta do leitor-intérprete. Para Padilla, enfim, toda interpretação do texto implica uma cosmovisão.

O terceiro elemento é: as Escrituras. As Escrituras são o registro histórico da fala de Deus no passado, que é atualizada pelo leitor-intérprete em sua situação humana concreta, portanto, particular. Como registro histórico do passado, a Bíblia deve ser estudada como qualquer outro livro antigo, e, portanto, buscar o seu significado em seu contexto de origem. Todavia, desde que o pressuposto das Escrituras é que Deus fala nestes registros, e o objetivo do leitor-intérprete é atualizar esta fala em sua situação atual, a Bíblia também se torna uma atividade comunicativa de Deus para com este, requerendo deste a fé e a submissão à iluminação do Espírito Santo para a sua compreensão.

O quarto elemento é: a Teologia. Esta é o resultado da apropriação da compreensão do sentido da fala de Deus nas Escrituras para a situação humana concreta do leitor-intérprete. É a comunicação deste a partir da fusão de horizontes entre o texto e a sua situação. Sendo seu caráter original a contextualização da mensagem bíblica.

Padilla resume da seguinte maneira a dinâmica do círculo hermenêutico:

una hermenêutica genuína involucra un diálogo entre el contexto histórico y las Escrituras, un diálogo en que el intérprete se acerca a las Escrituras com una perspectiva particular (su visión del mundo) y se acerca a su situación com una comprensión particular de la Palabra de Dios (su teología).³²

A finalidade da leitura contextual da Bíblia é a contextualização do Evangelho. Esta envolve a avaliação crítica da leitura do texto bíblico desde a participação das culturas nas quais ele foi formado e registrado, das culturas pelas quais ele foi traduzido e transmitido por meio dos empreendimentos missionários, e das culturas onde se localizam as pessoas que recebem e apropriam o texto bíblico em sua situação humana concreta. Conforme a discussão de Padilla até aqui, somente estas pessoas, reunidas em uma igreja contextualizada, serão capazes de efetuar a leitura contextual, sendo ela mesma uma comunidade hermenêutica, o lugar onde ocorre a interpretação.

³² PADILLA, *Idem*, p 15.

Por fim, ainda que Padilla não seja defensor explícito da pré-compreensão na leitura contextual, ele enumera três fatores que condicionam a compreensão do leitor-intérprete: a sua atitude frente a Deus, a influência de sua própria tradição eclesial e a sua cultura. Para ele, este último fator é determinante, pois trata da interpretação e da comunicação da mensagem do texto bíblico em determinada cultura.

Conclusões parciais

A leitura contextual do texto bíblico como uma função da teologia é próprio da teologia evangélica latino-americana. A proposição do círculo hermenêutico como método de leitura do texto bíblico na Teologia evangélica da missão integral não resultou na elaboração de um corpo de conhecimentos e, muito menos, o seu uso explícito na forma de projetos hermenêuticos evangélicos de leitura contextual do texto bíblico. Ainda que alguns teólogos evangélicos fossem enfáticos na apropriação do círculo hermenêutico na leitura contextual do texto bíblico, não indicaram uma metodologia apropriada para a efetivação desta leitura. Rejeitando o método da suspeita ideológica de caráter sociológico, típica da apropriação da teologia católica da libertação, afirmaram, contudo, a suspeita ideológica de caráter cultural. Mas, contrariamente aos teólogos da libertação, não foram eficientes em desenvolver uma leitura contextual que transpusesse uma leitura descontextualizada norte-americana para outra contextualizada na realidade cultural latino-americana.

Bibliografia

- BOFF Clodovis, BOFF Leonardo. *Como Fazer Teologia da Libertação*. 9ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOFF Clodovis. *Teologia e Prática*. Teologia do Político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978
- BULTMANN, Rudolf. *Jesus Cristo e Mitologia*. São Paulo: Novo Século, 2005.
- _____. Rudolf. “O Problema da Hermenêutica”. In: _____ Rudolf. *Crer e Compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- CAMPOS Oscar A. Gadamer: Subjetivismo y Relativismo en la Hermeneutica. In: *Vox Scripturae* VIII/1 (1998) 73-93
- Compreensão. In: MORA José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo I, 507-510
- DILTHEY Wilhelm. In: MORA José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo I, 739-742
- GADAMER Hans-Georg. In: MORA José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo II, 1166-1168
- GIBELLINI Rosino. Teologia Hermenêutica. In: *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola,
- HAMLIN Cynthia Lins. A Hermenêutica Romântica de Wilhelm Dilthey. In: *Estudos de Sociologia*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 4, n. 2, 1998, publicação on line.
- HERMENÊUTICA. In: LACOSTE Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 816-822
- HERMENEÚTICA. In: MORA José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo II, 1327,1328
- PADILLA C. René. La Contextualización del Evangelio. In: _____ *El Evangelio Hoy*. Buenos Aires: Certeza, 1975.
- RICOEUR Paul. *Ensaio Sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.
- RICOEUR Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- RICOEUR Paul. Prefácio a Bultmann. In: _____ *Ensaio sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004, 45-67
- SCHLEIERMACHER Friedrich D.E. *Hermenêutica. Arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999
- SCHÜLER Arnaldo. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. São Leopoldo: ULBRA, 2002.
- SEGUNDO J.L. “El Circulo Hermeneutico”. In: ARAYA Victorio (Ed.) *La Hermeneutica Liberadora*. Costa Rica: SEBILA, 1979, p. 56-74
- STAM Juan. A Bíblia, o leitor e seu contexto histórico. Pautas para uma hermenêutica evangélica contextual. In: *Boletim Teológico*
- TRADIÇÃO. In: FERRATER MORA José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, Tomo IV, 2903-2905